



ARIADNES: PERCURSOS E EXPERIÊNCIAS

Karina Gomes Barbosa¹; karina.barbosa@gmail.com

RESUMO

Neste relato de experiência, apresento os percursos percorridos pelo projeto de Incentivo à Diversidade (Pidic) *Ariadnes*, vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), desde sua criação, em 2018, até 2023. Ao longo desses anos, o projeto vem se consolidando como um espaço para discussão de gênero e mídia, com foco em violências de gênero no ambiente educacional, no exercício da crítica de mídia com perspectiva gendrada, em atividades formativas e na escuta testemunhal. Parte-se do pressuposto que a mídia é um dispositivo pedagógico e uma tecnologia de gênero importante para a construção de subjetividades.

PALAVRAS-CHAVE

Observatório de mídia. Violências de gênero. Testemunho.

1. INTRODUÇÃO

Em 2018, o projeto *Ariadnes*² teve início. Surgiu a partir da interseção de dois interesses de pesquisa e ação na universidade, a saber: os estudos feministas, ao qual já me filiava, e os estudos de testemunho – advindo de um acontecimento singular que atravessou as experiências da comunidade universitária do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), em Mariana (MG)³. Em novembro de 2015, a barragem de Fundão (Samarco, Vale, BHP) se rompeu no subdistrito de Bento Rodrigues, zona rural do município, e provocou um gesto rumo à escuta dos testemunhos de sujeitos traumatizados pelo crime-desastre socioambiental.

Ariadnes se definia, naquele momento, como um espaço de escuta e coleta de relatos testemunhais de violências de gênero sofridas no ambiente universitário. Tais relatos se transformaram em produtos comunicacionais (vídeos, textos e imagens) para serem circulados junto à comunidade ufopiana com fins de educação contra as violências de gênero. O projeto foi fomentado, a

¹ Doutora em Comunicação pela UnB. Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop).

² Site: www.ariadnes.org. Perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/projetoariadnes>.

³ O curso de Jornalismo, fruto do REUNI inaugurado em 2008, se localiza em um dos campi de Mariana, o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA).



partir de três bolsas estudantis, pelo primeiro edital do Programa de Incentivo à Diversidade (Pidic), instituído pela Ufop⁴ com os objetivos de

- a) Estimular e apoiar a realização de atividades, que visem promover a igualdade de direitos entre estudantes, na modalidade de graduação presencial o enfrentamento de discriminações como o racismo, sexismo, machismo, homofobia, transfobia, capacitismo. Entre outras, que afetam a sua permanência e seu desenvolvimento em todas as unidades da UFOP.
- b) Contribuir para a promoção da inclusão social através de atividades que visem a igualdade étnico-racial e de gênero, a diversidade sexual, as ações afirmativas e a formação de cidadania.
- c) Combater os efeitos das desigualdades sociais originadas por quaisquer tipos de discriminação.
- d) Incentivar o desenvolvimento de atividades que propiciem uma melhor convivência entre estudantes usuários das Residências Estudantis da Universidade. (UFOP, 2024)

Em 2020, o projeto foi interrompido devido à minha saída para estágio pós-doutoral, seguida pela pandemia e suas consequências físicas, emocionais, laborais, entre outras. Havia, também, uma sensação difusa de certo fracasso do projeto. Ao longo de dois anos, entre outras atividades, escutamos oito relatos, alguns mais longos, outros mais sucintos, todos sob condição de anonimato e respeitando processos de escuta testemunhal. Produzimos textos em formatos jornalísticos (notadamente crônicas), imagens editoriais e vídeos com a leitura desses relatos, que foram divulgados nas redes, em exposições públicas e pelos canais digitais da universidade.

Apenas em 2023 me senti motivada a retomar o projeto, que parte dessa história e dessa experiência, ampliando-a a partir de outras interfaces e aprendizados, mas com o mesmo objetivo central: interferir na comunidade acadêmica da Ufop, a partir da comunicação e da mídia, para contribuir com a educação para a igualdade de gênero e no combate às violências de gênero. É a experiência desta retomada que relato a seguir.

⁴ O programa é regulamentado pela resolução CUNI 1.967, de 25 de janeiro de 2018, disponível em: http://prace.ufop.br/sites/default/files/resolucao_cuni_1967.pdf. A responsabilidade por sua gestão é da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (Prace). As bolsas são distribuídas sempre entre estudantes beneficiárias/os de políticas de inclusão. O projeto *Ariadnes* tem realizado seleções afirmativas, que concedem um ponto extra a candidatas ou candidatos que se autodeclararam LGBTQAI+, pretos ou pardos, indígenas, mães, refugiadas/os. Acesso em 28 fev. 2024.



2. A IMPLANTAÇÃO DO OBSERVATÓRIO

O projeto *Ariadnes*, hoje, é um observatório de gênero e mídia, que busca desenvolver as discussões e a produção de conhecimento sobre temas como violência, sexualidades, infância. Somos um espaço para exercício disciplinado da crítica de mídia, como elemento da educação midiática, e da escuta testemunhal. Para David Buckingham (2009), a educação midiática é um requisito básico da cidadania contemporânea, e está centrada na compreensão crítica da mídia e na participação e intervenção crítica e ativa dos sujeitos na mídia. Partimos da constatação que

a presença do assédio no mundo universitário é hoje uma realidade comprovada. Graduandas e pós-graduandas são levadas a evadir-se, mudar de orientador e até renunciar a cargos /empregos, uma vez que as promoções, na maioria das vezes, estão vinculadas às relações sexualizadas (Possas, 2022, p. 11)

Esse contexto, subnotificado e não penalizado (Possas, 2022), molda as relações subjetivas no ambiente acadêmico – não apenas na universidade, mas em todas as etapas da vida escolar, incidindo em todas as esferas do processo educacional. Como afirma Joan Scott (2017, p. 86), afinal, “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”, inclusive nos ambientes educacionais, conforme demonstrou Guacira Lopes Louro (2016).

A importância da presença das discussões de gênero e sexualidade no processo educacional é patente. Exemplo disso foi a recente proposição do deputado federal Tadeu Veneri (PT-PR), para instituir aulas sobre Direitos Humanos na rede pública do país, a partir de parcerias com universidades públicas, computando tais ações como atividades complementares⁵. Pelo PL, os conteúdos incluiriam combate ao racismo, às violências de gênero, às discriminações e aos preconceitos. Na justificativa da política pública, Veneri

⁵ O texto integral do projeto e sua tramitação podem ser acompanhados na Câmara dos Deputados: https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2419911?utm_source=https%3A%2F%2Fwww.catarse.me%2Ffazmina%3Futm_source%3Dnewsletter%26utm_medium%3Delas%26utm_campaign%3Do8%2Fo3%2F2024nunca-e-facil-pra-nos. Acesso em 9 mar. 2024.

Comentado [MOU1]: Página?

Comentado [KB2R1]: Não é citação direta, portanto não precisa de página.



elencar a relevância da escola na formação cidadã dos sujeitos e a necessidade do debate sobre direitos humanos na sociedade.

Ainda compreendemos que a mídia é um dispositivo pedagógico, no sentido de ser um *locus* privilegiado para o aprendizado das normas de gênero e sexualidade (Louro, 2008), e uma tecnologia de gênero (Lauretis, 2019), na qual o gênero é constantemente produzido e reproduzido, por meio de representações. Nesse sentido, Buckingham (2019) afirma que a mídia é uma dimensão central da vida contemporânea – que é cada vez mais mediatizada.

A partir desses pressupostos, *Ariadnes* se define desse modo:

Ao termos como norte a dimensão pedagógica da mídia em nossas vidas, elemento importante no processo de construção das normas e das performatividades de gênero, torna-se necessário discutir como os produtos da mídia atuam nesse sentido, no cotidiano e nas vidas dos sujeitos. Acreditamos, dessa forma, que a educação midiática com recorte de gênero é essencial para: a) compreender a comunicação e seu papel nas performatividades de gênero e sexualidade; b) habilitar um consumo participativo, autônomo e cidadão dos produtos da mídia a partir de uma perspectiva generada; c) propor melhorias em coberturas jornalísticas e modelos de comunicação; d) formar comunicadoras e comunicadores com perspectiva crítica de gênero para atuar de modo transformador no campo. (ARIADNES, 2024)

No início de 2023, a equipe foi definida com a seleção de duas bolsistas de extensão e incentivo à diversidade, sendo composta ainda por duas bolsistas de iniciação científica⁶. Passamos a realizar reuniões semanais às terças-feiras, às 17h (entre os turnos vespertino e noturno do curso), cumprindo, inicialmente, as seguintes tarefas: a) criação do projeto editorial; b) desenho do site e do perfil do Instagram; c) leituras e discussões teóricas sobre temas como violência de gênero, crítica de mídia, entre outros; d) produções-piloto de críticas de mídia; e) edições e discussões sobre os textos, os enquadramentos, as metodologias.

O site do observatório foi lançado em julho de 2023 e, a partir daí, estabelecemos uma rotina de produção semanal que parte da reunião de pauta, com prazos semanais de entrega de textos, correção e edição, publicação e

⁶ Em 2024, o projeto também foi contemplado como extensão pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proex), e selecionou duas pessoas voluntárias. Além disso, duas orientandas de mestrado, vinculadas ao PPGCOM/Ufop, passaram a compor a equipe do projeto.



circulação nas redes sociais. Os fluxos de produção são geridos por meio de planilhas colaborativas com tarefas e prazos. Há também um grupo de whatsapp em que são realizadas discussões, para além das reuniões semanais, tanto de rotinas produtivas quanto de assuntos correlatos à nossa atuação. Em paralelo a isso, *Ariadnes* tem promovido reflexões mais aprofundadas sobre algumas questões. Neste momento, estamos nos dedicando a pensar as relações de gênero na produção jornalística de obituários pelo jornalismo hegemônico.

A segunda frente de atuação diz respeito a ações formativas em educação para a igualdade de gênero. Em 2023, realizamos duas oficinas com a comunidade acadêmica da universidade. Na primeira, oferecemos uma formação em leitura crítica da mídia a partir da perspectiva audiovisual; na segunda, mais específica para a graduação em Jornalismo, ofertamos uma oficina sobre cobertura jornalística de feminicídios em interseção com deficiência. Para cada oficina, produzimos planos de aula com um roteiro teórico, provocações, exemplos, dinâmicas práticas e bibliografia. À frente, iremos divulgar tais planos de aula no site para replicações e consultas. Também participamos de uma roda de conversa sobre assédios contra mulheres no ambiente acadêmico.

3. PRIMEIROS RESULTADOS

Os resultados das duas primeiras frentes são interessantes: produzimos, até fevereiro de 2024, 31 críticas de mídia e 11 notícias sobre atividades realizadas pelo projeto (além de editoriais e uma entrevista) – ao todo, foram feitas 53 publicações, que tiveram 1.483 visualizações e 534 visitantes, a maior parte vinda do Instagram. Para além de incentivar um olhar com perspectiva de gênero e sexualidade sobre a mídia, o exercício constante da escrita tem proporcionado aprimoramento textual e teórico para a equipe. Nas redes, o engajamento ainda é tímido, tendo em vista que contamos apenas com alcance orgânico das publicações. São 140 seguidores, e cerca de 180 contas com engajamento nos últimos meses, de acordo com os dados da plataforma. Nos últimos 90 dias, foram cerca de 680 interações com os conteúdos postados. O post com maior interação foi uma crítica de mídia sobre o filme *Azul é a cor mais quente*.



Nas intervenções públicas (figuras 1, 2 e 3), houve a repetição de um aspecto que nos incomoda e nos preocupa: tanto na roda de conversa quanto na oficina sobre a cobertura de feminicídios, estávamos diante de uma plateia formada apenas por mulheres (na outra oficina, a presença de mulheres era majoritária). O desinteresse masculino por questões de gênero e sexualidade, que atravessam as relações na educação, é um sintoma da estrutura do patriarcado em que sujeitos designados como homens são considerados o universal e, logo, não se sentem implicados nas relações de gênero – o lugar do Outro – nem com a sexualidade, partindo da cisheteronormatividade que promove um deslizamento impróprio entre designação sexual-gênero-desejo.

3. O LUGAR DO TESTEMUNHO

A terceira frente de atuação consiste na retomada da escuta de relatos testemunhais de sobreviventes de violências de gênero no ambiente educacional. Nosso primeiro movimento neste sentido foi tateante: casos de que tínhamos conhecimento, que circulavam entre estudantes. Rapidamente, percebemos que havia, também, casos entre nós, da equipe – tendo em vista que integramos este corpo acadêmico. O mergulho na discussão sobre violência, abuso, assédio, provoca afetações em muitos sujeitos, que se manifestam eventualmente como choro, angústia ou pânico, e precisam ser acolhidos, como têm sido. Realizamos um primeiro movimento sistematizado de busca por testemunhos, por meio de chamada nas redes sociais, mas não amplamente replicada. Foram publicados quatro relatos que produzimos em 2023 e republicados os relatos anteriores.

Também chegaram a nós casos que optamos por não produzir como relatos devido a outras implicações políticas e até mesmo jurídicas, demonstrando como as vítimas e sobreviventes de violências de gênero estão fragilizadas e desprotegidas na busca por justiça e reparação, assim como as redes de apoio criadas em torno dessas violências.

De modo geral, não há ainda uma busca ativa sistemática por relatos testemunhais. Isso se dá, principalmente, por um aprendizado a partir da experiência do *Ariadnes* e de minha vivência diante dos testemunhos. Primeiro



porque a equipe já toma conhecimento de muitos casos. Além disso, à medida que a informação sobre a atuação do *Ariadnes* chega à comunidade do campus, estudantes, principalmente mulheres, mas também da comunidade LGBTQIA+, passaram a nos procurar para relatar situações de abuso e violência. Muitas vezes, não há um desejo de mediatizar esses testemunhos, apenas a premência de relatar, serem acolhidas e acreditadas, conforme demonstram os estudos de testemunho (Gomes Barbosa, Varão, Carvalho, 2019). Tem havido busca por conversas privadas ou mesmo episódios em sala de aula, desencadeados por gatilhos pessoais ou violências recentes que precisavam ser narradas.

A partir dessas experiências, o que via antes como fracasso dentro de uma lógica quantitativa que demandava ou esperava por métricas, compreendo agora como a criação de uma comunidade afetiva em torno do testemunho e da confiança na escuta proporcionada pelo *Ariadnes*. Para além dos resultados visíveis, mensuráveis, publicados e publicizados, existe uma experiência em torno da narração de eventos traumáticos que nos pertence. Percebemos, também, que em muitos casos viver com o trauma não significa dar testemunho público dessa situação-limite, mas uma descida ao cotidiano para conseguir habitar um mundo em estilhaços (Das, 2020). Há, portanto, diversas maneiras de enfrentar o trauma a partir de outras chaves e modalidades testemunhais, maneiras variadas de sair da posição de vítima para a de sobrevivente; uma compreensão que *Ariadnes* tem apreendido a partir dessa experiência mais recente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do relatado, acredito que o projeto *Ariadnes* tem contribuído com a tarefa de trazer para o espaço universitário o debate sobre violências de gênero a partir do exercício da crítica de mídia, da escuta testemunhal e de atividades formativas. De forma tímida, ainda, diante de desafios como engajamento digital; não-implicação do masculino no debate; aprendizados sobre diferentes demandas testemunhais.

Ainda assim, o percurso caminhado até aqui reafirma nossa crença na comunicação como esfera imprescindível para a educação com vistas à igualdade



de gênero e ao combate às violências de gênero. Também temos convicção de que o relato testemunhal, ainda que possa não promover punições em âmbito jurídico ou penal, é capaz de promover reparações subjetivas e atender distintas demandas por justiça. Afinal, como uma companheira de ativismo nos provocou, o que se entende por justiça – e a justiça que se deseja – pode não ser a mesma para todas.

REFERÊNCIAS

- ARIADNES. **Quem somos**. 2024. Disponível em: <https://ariadnes.org/quem-somos/>. Acesso em: 06 mar. 2024.
- BUCKINGHAM, D. **The media education Manifesto**. Cambridge: Polity Press, 2019.
- DAS, V. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao cotidiano**. 1ª ed. São Paulo: Unifesp, 2020.
- GOMES BARBOSA, K.; VARÃO, R.; CARVALHO, A. L. Os caminhos das Ariadnes: testemunho, verdade e jornalismo no enfrentamento das violências de gênero. In: BELISÁRIO et al (org.) **Gênero em pauta: desconstruindo violências, construindo novos caminhos**. Curitiba: Appris, 2019.
- LAURETIS, T. de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- LOURO, G. L. Cinema e sexualidade. **Educação & Realidade**: v. 33, n. 1, jan/jun, p. 81-98, 2008.
- LOURO, G. L. (org). **O corpo de educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- POSSAS, L. M. V. DOSSIÊ I - "Violência de Gênero na Universidade". **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, v. 8, p. 7-16, 2022.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**: v. 20, n. 2, p. 71-99, 2017.
- UFOP. **Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência – PIDIC**. Ouro Preto, 2024. Disponível em: <https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/orientacao-estudantil/programa-de-incentivo-diversidade-e-convivencia-pidic>. Acesso em 6 mar. 2024.